

São Paulo, 22 de janeiro de 2025.

Ao Sr. deputado federal [REDACTED]

Prezado deputado,

A StandWithUs Brasil, instituição educacional brasileira que combate o antissemitismo e educa sobre Israel, tomou conhecimento, recentemente, da **nota oficial divulgada pela Frente Parlamentar pelos Direitos do Povo Palestino, assinada pelo Sr. junto a outros deputados e deputadas federais**, em relação ao acordo de cessar fogo assinado por Israel e o grupo terrorista Hamas, intermediado pelos EUA, o Catar e o Egito.

Consideramos que é muito importante que lideranças políticas e representantes eleitos do nosso país se manifestem, como o título da nota sugere, em favor de um acordo que traz esperanças para os povos palestino e israelense e para todos aqueles que, em diferentes lugares do mundo, aguardam a paz definitiva e um futuro de coexistência entre ambos.

Com grande preocupação, entretanto, advertimos que o texto divulgado, longe disso, contém **uma perigosa apologia ao grupo terrorista Hamas**, além de reproduzir a narrativa, a retórica e o jargão da organização e seus aliados, omitir qualquer tipo de solidariedade às vítimas do massacre de 7/10 e aos reféns ainda em cativeiro e negar o direito à existência do Estado judeu.

É por isso que, com o maior respeito e consideração, estamos encaminhando junto à presente um documento com a nossa análise acadêmica e factual sobre a nota, que esperamos seja levada em consideração para ampliar a sua leitura e compreensão dos fatos.

Solicitamos, por fim, com a maior urgência, uma reunião para conversar pessoalmente com o senhor, com a convicção de que o diálogo, com respeito mútuo e sem preconceitos, é a única forma de começar a superar a polarização, a desinformação e os discursos de ódio que tanto dano fazem a tanta gente, no Brasil e no mundo.

Atenciosamente,

Bruno Bimbi

[REDACTED]

O TEXTO DA NOTA

«CESSAR-FOGO EM GAZA TRAZ ESPERANÇAS PARA O POVO PALESTINO»

Após 467 dias de intensos ataques por terra, ar e mar das forças armadas israelenses, que provocou a destruição quase que total da infraestrutura da Faixa de Gaza, sobretudo de instalações civis, hospitais, escolas, igrejas e mesquitas, além do assassinato de mais de 46 mil palestinos, a maioria crianças e mulheres, o anúncio de um acordo para o cessar-fogo traz esperanças para o povo palestino que almeja viver em paz e ter sua soberania respeitada.

A coragem, heroísmo e resiliência do povo palestino foi determinante para os resultados alcançados. Por mais de 18 anos, a Faixa de Gaza está sob um cerco brutal das forças do regime israelense, que pratica diariamente crimes contra a humanidade na Palestina ocupada. Foram 15 meses, 467 dias de intensos bombardeios com destruição e mortes.

As exaustivas negociações levaram a um resultado possível, mas que representa a afirmação da resiliência, amor à sua terra e coragem do povo palestino ao enfrentar as forças do inimigo, conhecido por ter um dos exércitos mais bem preparados e equipados do mundo. Mas que não foi capaz de quebrar a resistência, que sai mais forte, coesa e com amplo apoio do povo palestino.

Saudamos o acordo de cessar-fogo celebrado entre “Israel” e a Resistência palestina, intermediado pelo Catar, Estados Unidos e Egito, que entrará em vigor ao meio-dia do domingo (19) e está relacionado principalmente à primeira fase, que durará 42 dias, permitindo a troca de prisioneiros, a travessia de combatentes e civis palestinos feridos para o Egito e o regresso de deslocados internos às suas casas no norte de Gaza.

Conclamamos o Governo Brasileiro, o Parlamento, o Judiciário e os órgãos de defesa dos direitos humanos, para que se juntem a nós numa caravana que possa visitar a Faixa de Gaza, levar o apoio do Brasil e coletar a verdade, para informar o povo brasileiro sobre os crimes de guerra, os crimes contra a humanidade e o genocídio praticados pelo Estado de Israel na Faixa de Gaza.

Brasília, 16 de janeiro de 2025
Frente Parlamentar pelos Direitos do Povo Palestino

A LISTA DE SIGNATÁRIOS/AS

Dep. Padre João (PT-MG)
Dep. Alencar Santana (PT-SP)
Dep. Arlindo Chinaglia (PT-SP)
Dep. Benedita da Silva (PT-RJ)
Dep. Bohn Gass (PT-RS)
Dep. Dimas Gadelha (PT-RJ)
Dep. Erika Kokay (PT-DF)
Dep. Fernando Mineiro (PT-RN)
Dep. Gervásio Maia (PSB-PB)
Dep. Helder Salomão (PT-ES)
Dep. Ivan Valente (Psol-SP)
Dep. Jack Rocha (PT-ES)
Dep. Jandira Feghali (PCdoB-RJ)
Dep. Jorge Solla (PT-BA)
Dep. José Airton (PT-CE)
Dep. Joseildo (PT-BA)
Dep. João Daniel (PT-SE)

Dep. Juliana Cardoso (PT-SP)
Dep. Leonardo Monteiro (PT-MG)
Dep. Márcio Jerry (PCdoB-MA)
Dep. Maria do Rosário (PT-RS)
Dep. Miguel Ângelo (PT-MG)
Dep. Natália Bonavides (PT-RN)
Dep. Nilto Tatto (PT-SP)
Dep. Paulão (PT-AL)
Dep. Paulo Pimenta (PT-RS)
Dep. Pedro Uczai (PT-SC)
Dep. Rogério Correia (PT-MG)
Dep. Rui Falcão (PT-SP)
Dep. Reimont (PT-RJ)
Dep. Rubens Otoni (PT-GO)
Dep. Taliria Petrone (Psol-RJ)
Dep. Valmir Assunção (PT-BA)

A NOSSA ANÁLISE ACADÊMICA E FACTUAL

Tanto na argumentação quanto na *gramática política* da nota da Frente Parlamentar pelos Direitos do Povo Palestino, assinada por deputados e deputadas federais, adverte-se que **não se trata de uma declaração de solidariedade ao povo palestino, que seria totalmente legítima, mas de adesão, apoio e apologia aos crimes do grupo terrorista Hamas**. Quer dizer, a nota assume um posicionamento político pró-Hamas e adota como próprias a narrativa, a retórica e até o jargão da organização:

1. Em diferentes parágrafos, o texto exalta “a coragem e o heroísmo do povo palestino” para “enfrentar as forças do inimigo” (aderindo assim a um dos lados na guerra), que “não foi capaz de quebrar **a resistência**, que sai mais forte, coesa e com amplo apoio do povo palestino”. Também, no parágrafo em que faz referência ao cessar-fogo, fala da “travessia dos combatentes”. **A referência ao grupo terrorista é inequívoca**: a “resistência” que “combate o inimigo” com “coragem e heroísmo” e tem “apoio do povo” é o Hamas, acrônimo de *Harakat al-Muqáwama al-Islamiya* (em árabe: حركة المقاومة الإسلامية), que significa: “Movimento de Resistência Islâmica”.
2. O termo, usado ao longo de toda a nota com o mesmo sentido, faz apologia ao Hamas e, ao mesmo tempo, mantém uma brecha para a **negação plausível** dos políticos convidados a assinar. Contudo, no quarto parágrafo, é mais difícil disfarçar a referência: a nota saúda “o acordo de cessar fogo celebrado entre ‘Israel’ e **a resistência palestina**, intermediado por Catar, Estados Unidos e Egito”. O acordo de cessar fogo foi celebrado entre Israel **e o Hamas**, com a mediação de Catar, Estados Unidos e Egito. Não há outra interpretação possível do sentido com que a palavra “resistência” é usada.
3. É importante sublinhar que, além de ser o nome oficial do Hamas, ‘resistência’ é o termo usado pelo regime iraniano para se referir à sua rede de proxies no Oriente Médio: o “Eixo da Resistência” é integrado pela Guarda Revolucionária iraniana, o Hamas, Jihad Islâmica Palestina, Hezbollah, os houthis do Iêmen e outras milícias da Síria e do Iraque.
4. Outro elemento da gramática pró-Hamas é o **uso das aspas para citar o nome do Estado judeu** na nota. Essa forma de negar a existência e legitimidade de Israel, assim como a palavra “resistência”, faz parte do jargão dos apoiadores do grupo terrorista. Diferentemente do Fatah e outras organizações políticas palestinas, o Hamas não reconhece a legitimidade do Estado de Israel e reivindica sua eliminação (“apagar Israel do mapa”), rechaçando a solução de dois Estados.
5. No mesmo sentido, a frase “Palestina livre do rio ao mar” (que, na sua versão original, diz que Palestina será “árabe de água a água”) tem sido muito usada, nos últimos tempos, por lideranças da esquerda brasileira que talvez não compreendam

seu significado: negar o direito à existência do Estado judeu e **reivindicar a limpeza étnica no seu atual território** (ou **o extermínio físico dos judeus** que moram lá). É isso, de fato, o que as lideranças do Hamas falam, em árabe, e no massacre de 7/10 provaram que falam sério.

6. O uso das aspas para citar o nome de Israel, às vezes escrito, inclusive, sem a maiúscula inicial dos nomes próprios (“israel”), assim como a frase “do rio ao mar”, fazem parte da mesma *gramática*, com a **aspiração genocida** que ela contém. Tudo isso é evidente para quem conhece **a linguagem do conflito israelo-palestino**, mas é provável que não tenha sido compreendido pelos parlamentares que assinaram o texto. Por isso é tão importante que representantes eleitos, lideranças políticas e formadores de opinião sejam extremamente cuidadosos quando colocam seus nomes abaixo.
7. A nota também menciona o “regime” israelense, o que não deixa de ser uma ironia: Israel é o único Estado democrático da região, enquanto a população da Faixa de Gaza, desde o golpe de Estado perpetrado pelo grupo Hamas em 2007 contra o governo da Autoridade Nacional Palestina, vive sob **uma ditadura militar** de tipo teocrático, que reprime brutalmente qualquer forma de oposição ou tentativa de expressão livre do povo palestino, executa dissidentes e homossexuais e nega os direitos das mulheres.
8. É grave que uma declaração desse tipo seja assinada por dezenas de parlamentares da base do governo. Apoiar e glorificar o Hamas, ainda mais no contexto atual, ofende os princípios democráticos e a vocação pela paz que sempre orgulharam o povo e o Estado brasileiro. **Assinar esse texto significa apoiar uma organização terrorista que, no dia 7 de outubro de 2023, cometeu o maior massacre de judeus por serem judeus desde o Holocausto — e isso não pode ser banalizado.**
9. Os crimes do Hamas precisam ser levados a sério. Estuprar mulheres não é *corajoso*. Fazer tiro ao alvo numa festa, matando centenas de jovens que estavam lá dançando, não é *heroico*. Invadir os kibutzim e ir casa por casa matando famílias inteiras a tiros ou a facadas, cortando cabeças ou queimando a casa com elas dentro, não é um ato de *resistência*. Sequestrar homens, mulheres, crianças e pessoas idosas, levá-los para os túneis e barganhar com a vida de um bebê para soltar presos que cometeram atrocidades é tão aberrante que as palavras usadas na nota — *heroísmo, coragem, resistência* — ofendem a dignidade humana.
10. Se a gramática política do texto traz **uma declaração de apoio ao Hamas**, sua versão dos fatos é, também, uma fiel reprodução da propaganda do grupo.
11. A nota **apresenta uma narrativa da guerra que omite como começou**: até o dia 7 de outubro, existia um “cessar-fogo”! Antes dos 467 dias de guerra, num único dia, mais de 1200 pessoas foram brutalmente assassinadas e mais de 250 cidadãos israelenses (árabes e judeus) e trabalhadores estrangeiros foram sequestrados. Tudo isso é omitido na nota: não há reféns, não houve massacre e a guerra começou apenas porque Israel quis, por maldade.

12. Em vez de citar os reféns, a nota fala em “troca de prisioneiros”, **banalizando não apenas os sequestros, como também a extorsão** que obriga um Estado democrático a libertar 30 presos, muitos deles condenados por assassinato, em troca de cada refém, inclusive um bebê. Essa “proporcionalidade” diz muito sobre o valor outorgado à vida dos judeus.
13. **Não há equivalência.** Não apenas pela proporção de 30:1. Não apenas porque existe uma diferença óbvia entre um refém e um preso. Não há equivalência, também, porque **os presos, em Israel, estão no presídio**, têm advogados, visitas, assistência médica, e estão sujeitos à lei. Já os reféns nas mãos do Hamas são, na prática, desaparecidos, como nas ditaduras latino-americanas dos anos '70: ninguém sabe onde estão e quais deles estão vivos. Uma refém libertada no primeiro dia do cessar fogo voltou com dois dedos a menos. Outras reféns libertadas em 2023 relataram estupros. O pai de Ariel e Kfir Bibas, ainda cativo, foi visto por outra refém numa jaula.
14. A nota, por fim, **reproduz as mentiras do Hamas sobre a guerra e a falsa acusação de “genocídio”**, que quer transformar o povo que foi vítima do maior genocídio da história contemporânea em perpetrador desse crime. Essa narrativa cínica e mentirosa, infelizmente, tornou-se praxe na retórica de parte da esquerda, brasileira e global, com discursos que banalizam o Holocausto. Adotar esses discursos não tem nada a ver com solidariedade e humanismo. Rechaçá-los não significa ser indiferente à dor dos palestinos.
15. É perfeitamente possível **se solidarizar com o povo palestino**, se comover pela tragédia humanitária na Faixa de Gaza, clamar por paz na região e fazer críticas e questionamentos ao Estado de Israel sem, para isso, recorrer a **mentiras e manipulações**, banalizar o Holocausto e o crime de genocídio, glorificar o terrorismo e negar a dor do povo de Israel, que há pouco mais de um ano foi vítima de um ato sanguinário e desumano e ainda hoje aguarda o retorno dos seus cidadãos sequestrados.
16. **A solidariedade ao povo palestino não deveria ser confundida, como a nota faz, com o apoio a uma organização criminosa** que o oprime, e que há décadas trabalha para impedir a solução do conflito, boicotando (cada vez que a oportunidade se apresenta para ambos os lados) toda e qualquer possibilidade de um acordo de paz que leve à criação de um Estado palestino independente e soberano que possa viver lado a lado, em paz e segurança, com o Estado de Israel. Também não deveria ser confundida, como o texto faz, com uma declaração de ódio a Israel e seu povo.